Discurso do embaixador Dário Moreira de Castro Alves, por ocasião de sua posse como sócio efetivo do Instituto do Ceará

Dário Moreira de Castro Alves

Exmo. Senhor Doutor Manuel Eduardo Pinheiro Campos, Presidente do Instituto do Ceará,

Exmo Sr. Embaixador Antônio Paes de Andrade, Exmo Sr. General de Exército Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira, Exmo Sr. Dr. Marcelo Caracas Linhares, Exmo Sr. Conselheiro de Embaixada Manoel Inocêncio Lacerda Santos Júnior, Exma Senhora D. Yolanda Queirós, Caros Confrades, Senhoras e Senhores.

Sejam estas minhas primeiras palavras para assinalar o honroso comparecimento entre nós do Embaixador Antônio Paes de Andrade que, entre Lisboa, Fortaleza, Brasília e Natal encontrou, com sua boa vontade amiga, um momento em sua complexa agenda diplomática, política e social para estar aqui presente.

Venho dirigir-vos a palavra para agradecer calorosamente vossa deliberação de, em março último, me elegerdes para os quadros permanentes deste egrégio sodalício, no centésimo décimo sétimo aniversário de sua gloriosa fundação, destinada como foi, é e sempre será, a uma existência de extraordinário brilho na grande e nobre causa da cultura em nosso querido Estado do Ceará.

Vivia-se, na segunda metade do século XIX, como tão bem o assinalou Mozart Soriano Aderaldo, uma época de inquietação e de iniciativas culturais que marcaram época, bem valendo vivamente evocá-las para nossa edificação hoje e da posteridade. Data de 1849 o aparecimento em Fortaleza da primeira livraria, de propriedade de Manuel Antônio Rocha Júnior, que vendia, como também alugava livros. Poucos anos depois, Juvenal Galeno publicaria seus *Prelúdios Poéticos*. E mais tarde, em 1865, viriam a lume

o *Cajueirinho Pequenino* e *Minha Jangada de Vela.* Quem no Ceará não tomou conhecimento, em algum momento de sua vida, desses versos imortais? No Liceu do Ceará, fundado em 1845, figuravam no currículo das matérias a ensinar, na sua normal programação, as disciplinas de História e Geografia. Também o mesmo ocorria no Ateneu Cearense, fundado em 1873 pelos irmãos Costa Mendes. Eram ensinadas, aliás, as duas matérias, por um só professor, como se fossem uma cátedra.

Em Fortaleza esplendia entre 1842 e 1859, o gênio administrativo e a bondade de Antônio Rodrigues Ferreira, o chamado Boticário Ferreira, vereador de saudosíssima memória nesta nossa terra e que tanto honrou a Câmara Municipal de Fortaleza. O Senador Pompeu – a todo instante o evocamos em Fortaleza por ser nome de uma artéria central da cidade – pontificava com seus famosos compêndios e esboços de Geografia. E vinha a época marcada pela presença de uma instituição cultural de relevância, a Academia Francesa do Ceará, fundada em 1870. A França e seus ideais revolucionários eram recordados também por outra entidade, *A Fraternidade,* a qual tomara posição fortemente contrária à dos Bispos brasileiros na chamada "Questão Religiosa". Foram figuras exponenciais da Academia Francesa do Ceará: Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, Rocha Lima, Thomáz Pompeu de Sousa Brasil, João Lopes, e outros.

Também é da época a chamada *Escola Popular*, que Tristão de Ataíde considerou o primeiro grande movimento cultural do Ceará, este de natureza filosófica. O ano de 1875 é marcado pela fundação do Gabinete Cearense de Leitura. E vem, a partir dos anos 80, o movimento abolicionista do Ceará, que concretiza esse ideal com antecedência em relação ao movimento em todo o Brasil. Surgiram no Ceará sociedades abolicionistas, desde as mais moderadas até às mais radicais. Tiveram realce autores sobre temas abolicionistas, como Antônio Bezerra, Antônio Martins, Justiniano de Serpa e Oliveira Paiva, este tornado famoso, postumamente, por seu romance *A Afilhada* e a personagem *Dona Guidinha do Poço.* Foi uma década, a de 1880, cheia de agitações cívicas e espirituais, a começar com a campanha da libertação total de escravos no Ceará.

Dessas campanhas participaram intelectuais, homens de negócio, o povo, em busca de uma conquista finalmente obtida, com flores e hinos, no dia 25 de março de 1884. E entre eles o jangadeiro "Dragão do Mar" (Francisco José do Nascimento, vulgo "Chico da Matilde"). Libertadores exaltados, disse Raimundo Girão, carbonários, agindo todos por um e um por todos até à morte, se necessário, aglomeraram-se diante da Sociedade Cearense Libertadora, ao lado de emancipacionistas moderados que favoreciam a libertação com certos respeitos legais. Sonhadoras e pacíficas eram as palavras que se utilizavam nos pronunciamentos do Centro Abolicionista 25 de Dezembro, para o qual a libertação dos escravos um dia chegaria como uma "sinfonia de amor" e não uma "pocema selvagem", isto é, um grito de guerra. Eram carbonários Antônio Bezerra, Padre João Augusto da Frota, Juvenal Galeno, Joaquim Catunda, João Perdigão de Oliveira. Eram moderados Guilherme Studart, Júlio César da Fonseca Filho, José Sombra e Antônio Augusto Vasconcelos. O esquema abolicionista marcou a alma cearense e se associava aos objetivos culturais amplos da vida no Estado. Em julho de 1884, fundou-se o Clube Iracema, de feição recreativa, que veio a tornar-se em estimado centro de intelectualidade, que conheceu visitas de grandes cantores e musicistas, políticos de realce. Em 1886 fundou-se o Clube Literário 15 de Novembro que para Antônio Sales marcou a época mais saliente de nossa vida literária após a fulgurante atuação da Academia Francesa do Ceará. Surgiu, em 1886, uma entidade de natureza tipicamente cultural, o Clube Literário, que se desenvolveu em torno da revista *A Quinzena,* que a Academia Cearense de Letras, em tempos recentes, na presidência de Cláudio Martins, reeditou com a apresentação de Mozart Soriano Aderaldo, a quem devo parte da compendiação dos fastos culturais do Ceará na segunda metade do século XIX.

Antes do que, para nós, adquire especial importância na segunda metade do século XIX, que é a fundação do Instituto do Ceará, em 1887, não queria deixar de fazer menção ao surgimento, em 1892, de entidade *sui generis* intitulada *Padaria Espiritual,* que Mozart Soriano Aderaldo qualificou de "misto de coisas sérias

com pilhéricos posicionamentos", e que tinha à frente a personalidade muito especial de Antônio Sales, incontestavelmente uma das maiores figuras da intelectualidade cearense da época e de sempre, o amigo de Machado de Assis. Era seu criptônimo Moacir Jurema. Os estatutos da *Padaria*, não os podemos ler sem rir. É impagável, para usar forma popular de dizê-lo, aquela proibição estabelecida para os poetas de recitarem sonetos ao lado de um piano em que se falasse de rouxinol ou cotovia...aves do Velho Mundo...

Na verdade, grandes nomes fizeram parte da *Padaria Espiritual*, como Adolfo Caminha – romancista de *A Normalista* e *Bom Crioulo* – o polígrafo Rodolfo Teófilo, Antônio Bezerra. *A Padaria* editava *O Pão*, periódico que circulou de julho de 1892 a outubro de 1896 e que a Academia Cearense de Letras, sendo Presidente Cláudio Martins, reeditou com introdução de Sânzio Azevedo. A *Padaria Espiritual* foi um movimento intelectual cearense, de feição eminentemente literária, como o salientou Tristão de Athayde.

Para Mozart Soriano Aderaldo a fundação, em 1894, três anos antes da Academia Brasileira de Letras, da grande instituição que é a a Academia Cearense de Letras, significou uma contestação às revolucionárias atitudes dos "padeiros". A Academia Cearense de Letras contou em sua fundação com 27 sócios efetivos, dentre os quais se encontravam nomes de relevância no seio da intelectualidade brasileira. O Dr. Thomáz Pompeu de Sousa Brasil, filho do Senador Pompeu, foi seu primeiro presidente, tendo como colaboradores nada menos que Farias Brito, Barão de Studart, José de Barcelos, Antônio Bezerra, Franco Rabelo, Padre Valdevino Nogueira, Justiniano de Serpa. Também contava com uma Revista preciosa, embora sem a absoluta assiduidade e regularidade que marcaram a Revista do Instituto Histórico. É importante assinalar que a Revista da Academia Cearense publicou o texto original de "Finalidade do Mundo", do grande filósofo Farias Brito.

Entidade de suma importância que surgiu em nossa terra, no século XIX, em 1887, foi o Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), pelo seu peso, sua permanência e seu relativo enquadramento cultural em meio a uma série de instituições congêneres da qual o carro-chefe, por assim dizer, em nível

nacional, seria o Instituto Histórico, Geográfico Brasileiro, do Rio de Janeiro, criado em 1838. Foi dentro daquela atmosfera de fermentação e de criatividade na segunda metade do século XIX que se gestou a fundação do Instituto do Ceará por um punhado de intelectuais, quase todos denodados militantes da grande campanha abolicionista do Ceará.

Data também de 1887 a fundação da *Revista* do Instituto do Ceará, com mais de cem tomos publicados até hoje, sem falhar um só ano, além de sete tomos especiais. Nossa querida entidade hoje constitui a menina dos olhos do nosso ilustre Presidente, Dr. Manuel Eduardo Pinheiro Campos, que nos honra, a todos nós, com seu insuperável carinho, distinção, interesse e afeto. O Instituto do Ceará é responsável pela edição de um Boletim, cuja circulação teve duas fases com os seguintes temas publicados: primeiro volume, a "Pré-História Cearense", de Thomaz Pompeu Sobrinho; a "História Econômica do Ceará", de Raimundo Girão; a "História Militar do Ceará", de Eusébio de Sousa; quatro tomos de "História da Literatura Cearense", de autoria de Dolor Barreira; a "História do Ensino do Ceará", de Plácido Aderaldo Castelo; dois tomos da "História das Secas", o primeiro de autoria de Joaquim Alves e o segundo de Thomáz Pompeu Sobrinho. O Instituto patrocina ainda, a coleção "História e Cultura", com nove volumes publicados. O grande mestre da historiografia brasileira, José Honório Rodrigues, da Academia Brasileira de Letras – de quem tive a honra de ser discípulo no Instituto Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores, por dois anos – organizou alentado e minucioso índice da *Revista* de nosso Instituto, com quase 400 páginas de anotações e comentários.

Considero de meu dever, num preito de homenagem à memória dos doze abnegados fundadores dessa gloriosa instituição que é o Instituto do Ceará, chamar agora por seus nomes a um instante da nossa convivência espiritual. São eles: Paulino Nogueira Borges da Fonseca, Barão de Studart, Joaquim de Oliveira Catunda, Padre João Augusto da Frota, João Batista Perdigão de Oliveira, Antônio de Vasconcelos, Antônio Bezerra de Menezes, Júlio César da Fonseca Filho, Juvenal Galeno da Costa e Silva, José Sombra, Vírgilio Augusto de Moraes e Virgílio Brígido.

Quero neste ponto fazer uma referência à Academia Portuguesa da História, fundada no século XVIII por D'. João V, o Magnânimo, rei de Portugal, de 1706 a 1750, a qual nos últimos vinte e cinco anos tem estado sob a condução hábil, segura e sábia do Exmo. Sr. Prof. Dr. Joaquim Veríssimo Serrão, grande orador, homem de pensamento, que nutre pelo Brasil insuperável amor, carinho e devoção. Na verdade, a Academia Portuguesa da História "é uma casa luso-brasileira", pois dos quarenta sócios efetivos que a integram, dez são estatutariamente brasileiros, fora à parte os que ocupam na Academia Portuguesa da História o posto de membro de mérito (que, aliás, é o meu caso), ou de sócio correspondente. Assim, integraram os quadros efetivos da Academia Portuguesa da História grandes luminares da historiografia brasileira, como Gilberto Freire, Pedro Calmon, Américo Jacobina Lacombe, Afonso D'Escragnolle Taunay, Álvaro Teixeira Soares, Hélio Viana, João Neves da Fontoura, José Honório Rodrigues, Luís Viana Filho, Marcos Carneiro de Mendonça, Ruben Borba de Morais, Rui Ribeiro Couto, Artur César Ferreira Reis, Artur Guimarães de Araújo Jorge, Basílio de Magalhães e Francisco Iglesias.

Senhoras e Senhores,

Tenho agora a considerar uma série de fatos de singularíssimo interesse para mim e para quantos e quantos conhecem, estimam e reverenciam a memória de um notável cearense, grande brasileiro, mestre e consumado educador. Estou certo de que já Vossas Excias. intuem o perfil e o semblante de tão ilustre brasileiro: trata-se de Antônio Martins Filho, a quem me cabe, nesta egrégia instituição, a subida honra, não de substituir – porque um homem destes é insubstituível em todo o seu complexo de potencialidades – mas de apenas a ele suceder.

Antônio Martins Filho nasceu em 22 de dezembro de 1904, no sítio de Santa Tereza, do município de Missão Velha, situado no sudeste do Estado, na região do Cariri, que só veio a constituir município independente em 1964. À época em que Antônio Martins Filho nasceu, era parte do município de Barbalha, no Cariri

cearense. O nome de Missão Velha evoca a catequese dos frades capuchinhos que lá mantiveram uma velha missão. Dista de Fortaleza nada menos de 506 km. Situa-se nas encruzilhadas para a Paraíba e para Pernambuco.

Martins Filho tornou-se admirado quando menino, em Missão Velha, pelo entusiasmo pela poesia, já declamando passagens dos *Lusíadas*, de Luís de Camões, e de alguns poetas contemporâneos, notadamente de Augusto dos Anjos. Os irmãos mais velhos, sobressaíam nas letras: Martins d'Alvarez, o mais velho, Claúdio Martins e Fran(cisco) Martins. O menino Antônio passou a trabalhar numa gráfica. Dessa atividade passou a exercer funções em empresa – as lojas *A Pernambucana*, filial do Crato. Pouco tempo depois, passou a exercer a gerência da loja do mesmo grupo, na cidade maranhense de Caxias, havendo subido de posição, profissional e socialmente falando, fazendo-se amigo da família Carvalho, vindo a desposar Maria de Carvalho, em 1927, durando essa união 70 anos, até ao falecimento desta, em 1997, em Fortaleza. Dessas núpcias advieram sete filhos, dos quais José Murilo de Carvalho Martins seria, como filho homem mais velho, o chefe do Clã Martins Filho.

Em 1936, Antônio Martins Filho era Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Piauí e, em 1944, se doutorava pela Faculdade de Direito do Ceará. Vivia, então, em Fortaleza. Conheceu Raimundo Girão, por quem passou a ter uma grande amizade e um relacionamento muito especial pelo resto da vida e também com quem fundou uma gráfica editora que publicava a revista *Valor*, que abrigava em suas páginas a melhor literatura cearense da época, além de outros periódicos e órgãos estudantis, que projetaram moços de mérito e valor, dentre os quais, Valderi Uchoa, Francisco Silva Nobre, e outros. Os dois amigos publicaram *O Ceará*, que agrupava informações gerais sobre o Estado, com boa repercussão na intelectualidade local e com êxito editorial.

* * *

Não seria tão simples definir a atividade em que, por excelência, Martins Filho dedicou o melhor de seus esforços, empenhamentos e empreendedorismos. Estou com os que afirmam que, antes de qualquer outra tendência, predominou nele o espírito de educador, de professor. Homem de ação e de pensamento – era nele verdadeira obsessão assumir a criação de meios de educação, instrução, ensino e aprimoramento cultural do ser humano. O ideal de educador nele consubstanciou-se por excelência na fundação de Universidades e de institutos de ensino de natureza diversa. Era professor como também era editor, que via no mundo livros *a mancheias* para recordar, com esta expressão, o poeta Castro Alves.

No ano de 1944, mais de duas décadas depois de ter surgido, no Rio de Janeiro a primeira Universidade Brasileira é que se fez sentir a aspiração dos homens de pensamento do Ceará por uma instituição universitária que congregasse as Escolas Superiores existentes no Estado – é o próprio Martins Filho quem o explica – que visasse ao aperfeiçoamento do ensino e à melhor atuação das novas gerações na concretização de seus anseios de progresso.

À época, meados de 1940, eram os seguintes os graus superiores de ensino existentes em Fortaleza: Direito, desde 1903; Farmácia e Odontologia, 1916; Agronomia, 1918; Ciências Econômicas, 1939; Enfermagem, 1943. Eram, portanto, cinco as escolas superiores existentes no Ceará quando, em 1944, despontou a idéia de uma Universidade sediada em Fortaleza. Não se atentara ainda para as vantagens que uma instituição universitária poderia prestar à causa do desenvolvimento do Estado.

Um livro inteiro, de 250 páginas, escreveu Antônio Martins Filho, sob o título *História Abreviada da Universidade Federal do Ceará*. O que nos cabe aqui dizer sobre a gloriosa fundação da Universidade Federal do Ceará, na verdade é simples e fundamental: Antônio Martins Filho foi o fundador e o primeiro Reitor da Universidade Federal do Ceará, reconduzido três vezes neste alto e "magnífico" cargo, que exerceu de 1955 a 1967.

A partir desse ano até 2002, quando deixou de estar entre nós, seu título era o de Reitor Agregado da Universidade Federal

do Ceará. De 1975 a 1977, foi Reitor *Pro-tempore* da Universidade Estadual do Ceará. Também foi Reitor *Pro-tempore* da Universidade Regional do Cariri; presidiu, de 1986 a 1987, à respectiva Comissão de Instalação.

No campo da educação e das altas atividades de formação universitária, exerceu as seguintes funções:

Membro do Conselho Federal de Educação,1966 a 1979. No Conselho cooperou para a fundação ou o reconhecimento de mais de vinte Universidades brasileiras, entre elas as cearenses UECE, UNIFOR e UVA;

Conselheiro Honorário do Conselho Estadual de Educação do Estado do Ceará, em 1977;

Coordenador dos Programas Culturais e Presidente do Conselho Supervisor da Casa José de Alencar, 1967, e Coordenador do Programa Editorial, 1983;

Membro do Conselho Universitário da Universidade de Fortaleza – UNIFOR;

Conselheiro para Assuntos Educativos e Culturais da Federação das Faculdades Celso Lisboa, Rio de Janeiro;

Conselheiro para Assuntos Educativos e Culturais das Faculdades Camilo Castello Branco, de São Paulo;

Assessor Especial para assuntos de interesse da Universidade Estadual do Ceará, perante o Ministério da Educação e Cultura do Brasil e Instituições Educacionais e Culturais do Exterior;

Assessor Especial para Assuntos Educativos e Culturais, no Brasil e no Exterior.

* * *

Vasta, vastíssima, foi a atividade do Professor Antônio Martins Filho em variados campos de ação e empreendimentos. Foi comerciante, proprietário de loja em Caxias, no Maranhão; foi advogado em exercício profissional, em Fortaleza, de 1938 a 1954. Foi procurador da Legião Brasileira de Assistência, de 1943 a 1958; foi diretor proprietário da Editora Fortaleza, 1938 a 1946.

O Professor Martins Filho foi diretor e professor do Ginásio Caxiense; professor de Economia Política do Liceu do Ceará; pro-

fessor de História, Geografia e Espanhol; diretor proprietário e professor da Academia de Comércio Padre Champagnat. Lecionou Direito Comercial, Marítimo e Aéreo, como catedrático dessa disciplina, de 1945 a 1973. Catedrático de Economia Política da Faculdade de Ciências Econômicas da UFC, por concurso; Professor da Faculdade Católica de Filosofia do Ceará.

Martins Filho foi também editor. Consta de seu currículo a edição de cerca de 60 livros seus, e opúsculos e separatas, a maioria sobre temas de educação, ensino, vida universitária etc. Editou vários livros de memória, volumosos, interessantes e minudentes, que amplamente compendiam sua vida, em períodos da menoridade, maioridade, maturidade. Fica comprovada a irresistível atração do jovem Antônio, ainda adolescente, pela poesia, ele já autor de sonetos cuidadosamente rimados e metrificados. Já era um mestre no alexandrino. Praticamente todos os seus livros de memórias, de reconhecido valor histórico, social e literário, são também publicados em espanhol. Como verdadeiro intelectual e humanista que era, escreveu sobre temas variados, como Rui Barbosa, a poesia no mundo dos negócios, o outro lado da história, a poesia de Augusto dos Anjos, elogio aos Doutores etc. Da lista de sua bibliografia passiva constam sete livros. José Teodoro Soares escreveu sobre *Martins Filho, o eterno Reitor.*

Dirigiu por bom período o programa editorial da Casa José de Alencar. A Coleção Alagadiço Novo foi mantida pelo Programa Editorial da Casa José de Alencar, por ele dirigido e custeado sem ônus para os cofres públicos, uma vez que os recursos para sua execução provinham de doações de amigos seus no Brasil e no exterior, e dele próprio. Os livros eram lançados em nome da UFC e a Coleção Alagadiço Novo, com tal iniciativa, ficava cada vez mais valiosa e enriquecida, alcançando mais de 300 títulos. Agia com sabedoria, autoridade e rapidez. Dou testemunho pessoal que denota seu estilo criativo e a agilidade de seu processo decisório. Em agosto de 1999, estava eu em Lisboa e eis que recebo uma chamada telefônica de Martins Filho. Queria que eu lhe mandasse um livro meu, inédito, para publicação, em dois meses. Disse eu que não o tinha. Ao que respondeu que eu me "desenrascasse",

que produzisse um livro novo para lançamento em Portugal, na Coleção Alagadiço Novo, e em Fortaleza. Tinha eu ensaios, textos, artigos, comunicações acadêmicas que não tinham saído em livro. Graças ao trabalho de minha secretária Márcia Vecchio Machado da Silva, foram recuperados numerosos textos, colocados no projeto de livro intitulado *Luso-Brasilidades*, lançado em Lisboa, na Embaixada do Brasil, em 12 de outubro, dentro dos sessenta dias, portanto. Não era qualquer um que faria isto. Martins Filho sabia, podia e queria fazê-lo. E assim as coisas se fizeram.

* * *

Além de dirigir a editora do Instituto do Ceará, de 1946 a 1954, Martins Filho dirigiu a Imprensa Universitária. Em 1941 foi eleito membro efetivo do Instituto do Ceará, título de que muito se orgulhava. Foi Presidente do Instituto de 1985 a 1987. De seu currículo consta uma meia centena de nomes de associações científicas e culturais das quais fez parte. Numerosa é a lista de missões de natureza variada que Martins Filho cumpriu no Brasil ou no exterior. São quase vinte os títulos de Doutor *Honoris Causa* que recebeu de Academias e Universidades. Ostenta uma nutrida lista de condecorações e medalhas do exterior; homenagens especiais, placas de ouro, de prata e de recordação de cidades e de visitas e missões, em número que chega aos cinqüenta.

Essas eram algumas palavras que hoje desejaria dizer sobre o grande cearense de Missão Velha, o grande brasileiro, o grande ser humano, que olhava para cima e fitava os Andes, e se inebriava com a idéia de pensar e de fazer. Era um *homem do Renascimento – Nihil a Nobis Alieno*: nada seja estranho a nós. Era um homem, como aqui já dissemos, de pensamento e de ação. Foi posto no mundo, pensando no que se diz no Gênese, para trabalhar – *ut operaretur* – para cumprir o que fosse necessário em benefício do ser humano. A melhor forma de ajudar alguém é de ajudá-lo a ajudar-se. E a educação tem este nobre efeito. Seguindo o ideário de Adam Smith, em Glasgow, com a Universidade do Ceará cultivamos o saber e servimos ao meio. Assim realizamos o universal pelo regional.

Não queria despedir-me deste amável, generoso e paciente auditório sem agradecer pelo muito que fizeram para ajudar-me e orientar-me no preparo desta minha aula de introdução à ciência e à vida desta notável entidade cultural e social que é o Instituto do Ceará.

Portanto, manifesto gratidão muito especial ao Dr. Manuel Eduardo Pinheiro Campos, Presidente; ao Dr. Francisco Fernando Saraiva Câmara, membro da direção; a Vinícius Barros Leal, tão perto de mim por laços e afinidades familiares e que tantos livros me emprestou; a Marcelo Caracas Linhares, caríssimo e ilustre amigo de outros tempos de nossas vidas e a quem tanto fico a dever pela extrema generosidade e carinho de suas palavras sobre minha pessoa; a José Murilo de Carvalho Martins, que me supriu o toque final e amigo da documentação necessária a esta comunicação e ao Embaixador Antônio Paes de Andrade, que mencionei, e que me estimula com o calor de sua amizade e compromete a minha gratidão.

Muito obrigado

(Solenidade realizada em 17 de agosto de 2004)